

# AS LÍNGUAS-CLÁSSICAS: UM BREVE PANORAMA DO SEU INÍCIO ATÉ A UFRJ

## THE CLASSICAL LANGUAGES: A BRIEF OVERVIEW OF ITS BEGINNINGS UNTIL UFRJ

---

Arianne Souza da Silva<sup>3</sup>

Artigo recebido em 15 de março de 2024

Artigo aceito em 31 de julho de 2024

**Resumo:** Este artigo apresenta um breve panorama histórico das línguas Clássicas, destacando as mudanças e a relevância do Latim e do Grego em seus contextos sócio-histórico-cultural (Vygotsky, 1998) a fim de evidenciar sua importância para a educação contemporânea.

**Palavras-chave:** Línguas-Clássicas; sócio-histórico-cultural; Educação.

**Abstract:** This article provides a succinct historical overview of Classical languages, emphasizing the changes and significance of Latin and Greek within their socio-historical-cultural contexts (Vygotsky, 1998), with the aim of highlighting their importance for contemporary education.

**Keywords:** Classical languages; socio-historical-cultural; Education.

### Os Clássicos na Europa

Nosso panorama histórico das Línguas Clássicas começa com a chegada dos Etruscos à Etrúria, regiões que hoje conhecemos como Itália. Nos fins do século XI princípios do século X a. C., eles se espalharam por quase toda a região até os fins do século VI a.C quando começaram

---

<sup>3</sup> Mestranda pelo [PIPGLA-UFRJ](#). E-mail: [arianne@letras.ufrj.br](mailto:arianne@letras.ufrj.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4621-7189>

a perder territórios. Por sua vez, os Gregos chegaram àquela região no começo do século VIII a.C., imediatamente fundando Cumas e outras colônias gregas e tornando-se rivais de guerra dos Etruscos (FARIA, 1955).

Entre 3000-2600 a.C., a Grécia<sup>4</sup> começou a se expandir e passou a ser composta por quatro áreas distintas: A Grécia Peninsular, Continental, Insular e Oriental. Por volta do século VIII a.C., formou a Magna Grécia ao ocupar todo o Mediterrâneo ocidental, dessa forma, a Grécia possuía colônias e influências no que hoje conhecemos como Turquia até as atuais França e Espanha - além de possuir contato com o Egito faraônico (FUNARI, 2019). Os Etruscos não permitiam o avanço das invasões gregas além do litoral das terras da Itália contemporânea, porém, por possuírem um brilhantismo na arte e na cultura, o helenismo<sup>5</sup> conquistou toda a Etrúria pelas mãos dos próprios Etruscos. A influência helenística era tanta na cultura etrusca que até mesmo o alfabeto etrusco era uma adaptação de um dos alfabetos gregos (FARIA, 1955).

Em princípios do século VII a.C., sete colônias de pastores se reuniram numa federação para resistir à invasão dos etruscos. Essa federação ficou conhecida como Liga Septimontial ou *Septimontium*<sup>6</sup>. Todos os pastores eram latinos, com exceção dos sabinos, e mesmo após terem sido conquistados pelos Etruscos mantiveram sua língua: o latim. Após a vitória dos Etruscos, a federação passou a ser governada por reis da Etrúria, os Tarquínios. O *septimontium* encontrou, nas colônias gregas que não conseguiam avançar do litoral, aliados no combate à dominação da Etrúria, lutaram contra os Tarquínios e os expulsaram do

---

<sup>4</sup> É importante salientar que a definição de Grécia para os gregos da Antiguidade está relacionada aos falantes da língua grega, em outras palavras, onde quer que houvesse gregos, ou seja, falantes da língua grega, ali estava a Grécia

<sup>5</sup> Nome dado à cultura grega.

<sup>6</sup> o *Septimontium* foi o primeiro período da história romana

Lácio, dessa forma, os gregos e os futuros romanos haviam estabelecido um inimigo comum: os Etruscos. A união propiciou o banimento de Tarquínio, o Soberbo, pondo fim à dinastia dos Tarquínios e ao Império etrusco que, ao ser enfraquecido, deixa para a federação do *Septimontium* a arte, a escrita e a unidade do estado romano.

Após a independência, a então nomeada Roma passou por crises, guerras e muitos inimigos. Entre 336 e 323 a.C, Alexandre, o Grande, passou a incorporar as cidades-estados gregas ao território romano (FARIA, 1955). Em princípios do século II a.C, os romanos dão fim à história dos etruscos ao dominar a Etrúria e a Úmbria, mas sua cultura permaneceu difundida nos povos vencedores e, ao fim do mesmo século, todas as pólis gregas pertenciam aos romanos, mas continuaram mantendo sua própria constituição e leis, pois, mesmo não sendo independente, a Grécia manteve fidelidade a sua cultura (FUNARI, 2019). Essa conquista foi possível por conta do enfraquecimento das cidades gregas acarretada por diversas disputas e guerras cujo estopim se deu em 431 a.C. com a Guerra do Peloponeso, luta entre Atenas e Esparta em que o resultado da disputa pelo controle das cidades gregas levou a derrota de Atenas (FARIA, 1955).

A fidelidade que a Grécia teve com a sua cultura e o prestígio e a admiração de Roma pela cultura helenística quase comprometeram o latim como língua da sociedade romana, acarretando na separação do Império Romano em dois: o Império do Oriente em que a língua era a grega; e o Império do Ocidente onde se falava a língua latina. Assim, os romanos passaram a perceber que *“um povo resiste melhor pela língua do que pelas armas”* (MAROUZEAU, 1927, 199, *apud* FARIA, 1955) e estabeleceram o latim nas colônias do Império como língua obrigatória. Porém, até o século IV d.C, a língua grega estava junto ao latim, nas dedicatórias aos deuses, em documentos oficiais, nas moedas, entre

outras, na verdade o grego até então era a língua dos intercâmbios culturais e do pensamento e os romanos eram bilíngues. Assim, "*Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio*"<sup>7</sup> (Hor. Ep. 2,1 156-157) da mesma forma que os etruscos haviam feito anteriormente.

Após dois séculos da "fundação de Roma" a cultura latina continua a ser bilíngue, primeiramente, os latinos falavam latim e etrusco e, agora, os então romanos, falam latim e grego, já que, na sociedade da época para se ser considerado culto era preciso falar a língua grega. Para esse fim, a aristocracia romana mergulha na língua dos poetas, nas obras científicas e técnicas e nas relações internacionais, presentes na Literatura Grega que serve de fonte e modelo estético e metodológico para a criação da Literatura Latina. Com o tempo, o Latim passa a ganhar influência conforme o desenvolvimento do poder de Roma, fazendo com que a língua latina passe a ocupar o lugar que outrora pertencia à língua grega (GAILLARD, 1992).

Quase todos os cidadãos romanos da Antiguidade sabiam ler e um grande número dos escravos domésticos tinham a função de escrever os textos que lhes eram ditados ou lê-los aos seus senhores. A Lei das Doze Tábuas, texto da legislação romana, era um dos textos base para o aprendizado da leitura, pois todos os cidadãos deveriam ter conhecimento das leis. No entanto, os textos literários, históricos e científicos estavam restritos à aristocracia, uma vez que o livro era um objeto raro e precioso, dessa forma os aristocratas se reuniam nos centros intelectuais para discutir, ler e ouvir esses textos. César, inspirado nos modelos de Alexandria, fundou a primeira biblioteca romana incentivando os centros intelectuais a também terem bibliotecas e, com

---

<sup>7</sup> "*a Grécia conquistada conquistou o seu fero vencedor e introduziu as artes no Lácio agreste*" (FARIA, 1955:36)

o passar do tempo, esses centros intelectuais passaram a ser conhecidos como universidades.

O estudo e a sistematização da língua grega foi impulsionada por alguns fatores. Primeiramente, os gregos para vencer disputas políticas ou jurídicas nos espaços públicos precisavam estudar a arte da retórica com o intuito de melhorar seus recursos expressivos, possibilitando, assim, ganhar os auditórios das assembléias. Outrossim, eram os estudos sistemáticos das áreas filosóficas que necessitavam de uma língua em que todos os gregos pudessem ler, falar ou refletir. Assim, no século II a.C., Dionísio Trácio, um erudito alexandrino, consolidou a primeira gramática conhecida da língua grega que servia para descrever a língua escrita exemplar, ou seja, a língua dos poetas e prosadores gregos clássicos como Homero e estabelecer um modelo de língua a ser seguido por todos os que escreviam. Os gregos tinham noção da existência dos vários dialetos distribuídos ao longo do mar Mediterrâneo e, para manter sua unidade linguística, eles concentraram seus esforços no estabelecimento de uma língua grega ideal - a língua dos grandes escritores. Assim, os manuais gramaticais comportavam as tradições gregas da retórica, da lógica-filosófica e da normatividade para falar e escrever corretamente a língua dos autores consagrados (FARACO, 2008). Essa criação permitiu a sistematização da língua e sua durabilidade entre as regiões conquistadas, já que havia uma língua padrão que deveria ser seguida em toda a Grécia, possibilitando a unificação do território, pois, como já foi supracitado, onde houvesse falante da língua grega, ali estaria a Grécia.

Roma, ao incorporar Alexandria, no séc. I a.C., absorveu seus estudos gramaticais, passando também a estabelecer uma língua normativa modelar, sendo Varrão o criador da primeira gramática latina. Caminhando para o Império, tendendo a centralizar o poder, a fixação

do latim modelar estava intrinsecamente atrelada às concepções de pessoa culta, praticamente elites masculinas que deveriam manejar a língua nos espaços públicos e na escrita. Durante o período de expansão do Império Romano a atividade intelectual foi muito desenvolvida, até 476 d.C., quando o Império começou a enfraquecer pelos ataques dos povos germânicos. Nesse período, Prisciano - gramático que viveu e trabalhou em Constantinopla no governo de Justiniano - escrevia a última gramática romana, sendo essa uma herança significativa quanto à maneira de apresentação da língua e um modelo de como produzir gramática escolar até os dias atuais (FARACO, 2008).

Durante todo o período medieval, a gramática de Prisciano foi utilizada pelos estudiosos e professores da Europa Ocidental para ensinar e aprender um Latim Clássico e cristalizado que se distanciara das línguas faladas. O Latim Clássico tornou-se uma língua de erudição e, por sua vez, os eruditos eram uma pequena elite que escreviam e falavam o latim em situações formais. Em contrapartida, aqueles que não tinham acesso a essa erudição falavam o *latim vulgar* que tornar-se-á o que hoje conhecemos como línguas neolatinas ou línguas românicas. Essas línguas são herdeiras das variações linguísticas do latim popular falado. Na prática, o estudo e o ensino do latim clássico ficou restrito aos mosteiros e quem tinha contato com esse tipo de erudição aprendia o latim como uma segunda língua, pois não existia mais falantes nativos daquela língua e os modelos de ensino faziam com que ela ficasse cada vez mais artificial e restrita (FARACO, 2008).

Por volta do século IX d.C, começam a aparecer textos escritos nas novas línguas, indo de encontro à prática de só se escrever em latim.

Dante Alighieri, ao escrever *De vulgari eloquentia*, em 1304, defendeu a escrita na língua vernácula com os argumentos de que “a

*língua vernácula tinha recursos expressivos comparáveis aos do latim” e “escritos em língua vernácula, os textos se tornariam acessíveis a um número grande de pessoas e não ficariam restritos aos poucos eruditos que sabiam latim” (FARACO, 2008, 141). Seja pelo argumento linguístico, seja pelo político, Dante tinha razão, pois:*

a Europa Ocidental já tinha se estabilizado havia alguns séculos; a economia estava em expansão; e, em consequência, as cidades estavam crescendo. Nelas se concentrava uma nova classe que amealhava riqueza nas atividades comerciais. Essas circunstâncias todas criavam condições para fazer expandir o conhecimento para fora dos muros dos mosteiros; e a nova classe dos comerciantes preferia ter acesso a textos escritos na língua vernácula que era, de fato, sua língua materna. (FARACO, 2008, 141)

Sendo assim, aos poucos, as línguas vernaculares passaram a substituir o latim primeiramente nos documentos oficiais, depois nas escritas acadêmicas - séc. XVII d.C; logo após, nas atividades diplomáticas - séc. XVIII d.C, sendo substituído pelo francês; e, no séc. XX, ainda estava nos rituais religiosos da Igreja Romana; hoje, o latim ainda está presente nos documentos oficiais da Igreja Romana (FARACO, 2008).

Por volta do séc. XVI, tendo como modelo a gramática de Prisciano, começa-se a sistematização e os estudos das línguas vernaculares. A partir de 1536, Portugal, vivendo seu auge político por conta da sua potência marítima e mercantil, começa seus estudos linguísticos e, em 1540, João de Barros publica sua gramática da língua portuguesa. Em 1562, foi lançado por Jerônimo Cardoso o primeiro dicionário português-latim-português. Esse fato demonstra que, ao mesmo tempo em que a língua vernácula era estabelecida, estudada e fixada, as Línguas Clássicas serviam de exemplos, modelos e recursos para o estabelecimento da normatização das línguas vernaculares, tendo a língua escrita vernacular uma forma latinizada, ou seja, elas eram uma imitação dos modelos estilísticos dos escritores latinos clássicos, uma

vez que as línguas modernas ainda não tinham consagrado seus próprios escritores, fazendo com que se criasse um português alatinado (FARACO, 2008).

### Os Clássicos no Brasil

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por estudantes da Universidade de Paris, rapidamente espalhando-se por várias regiões evangelizando e propagando a fé católica. Ao ser reconhecida pela bula papal em 1540 passou também a “*expandir o mundo, defender as novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé*” (RAYMUNDO, 1999, 43 *apud* LEITE, 2014).

Em 1549, no Brasil, a história do ensino de Línguas Estrangeiras e do início da sistematização da educação brasileira começa com a expedição de Tomé de Sousa, cujo objetivo era o desenvolvimento da colônia e a construção de uma capital. A tripulação da expedição foi formada por jesuítas<sup>8</sup> que, ao chegarem aqui, começaram a ensinar o Latim, o Grego e o Português, ao mesmo tempo em que aprendiam as línguas indígenas (LEITE, 2014). Segundo o historiador Tito Lívio Ferreira<sup>9</sup>, após 12 dias da chegada dos jesuítas, foi fundado o Real Colégio da Bahia tendo o Irmão Vicente Rao como o primeiro mestre-escola no Brasil (CARDOSO, 2013). No ano seguinte, chegaram ao Brasil mais sete jesuítas, totalizando o número de 13 jesuítas<sup>10</sup> na missão da colônia. Entre eles,

---

<sup>8</sup> Nome dado aos membros da Companhia de Jesus.

<sup>9</sup> segundo uma carta de Manuel de Nóbrega enviada ao Superior da Ordem de Lisboa (CARDOSO, 2013)

<sup>10</sup>a primeira missão jesuítica, que integrou a comitiva de Tomé e Souza em sua vinda ao Brasil, era constituída pelos padres Manuel da Nóbrega, Antônio Pires, Leonardo Nunes e João de Azpicuelta Navarro, e pelos irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome (Ferreira, 1966, 32). Os sete jesuítas que vieram ao Brasil com Duarte da Costa – os padres Luís da Grã, Braz Lourenço e Ambrosio Pires e os irmãos José de Anchieta, Antonio

encontrava-se José de Anchieta, um noviço de 19 anos de idade que era o responsável pelas aulas de latim direcionadas a seminaristas, irmãos, sacerdotes e aos indígenas, além de ensinar, ele também foi responsável por diversas literaturas produzidas nas terras brasileiras. As aulas tinham como base o manual *Ratio studiorum*, publicado em 1599, unificando e determinando o currículo a ser seguido pelos padres e irmãos professores da Ordem de Jesus. O currículo das escolas jesuítas abarcava o estudo dos clássicos, língua e literatura, passando pelo filtro dos dogmas cristãos (Leite, 2014). Na época,

a posição ocupada pelo latim no currículo das escolas jesuítas responde diretamente ao uso do latim no mundo letrado europeu do período: àquela altura, o latim já se desprendera do mundo clássico e já há muito não era mais a língua que representava apenas o povo, a cultura e a literatura dos romanos. Todos os demais povos europeus tinham dele se apropriado e utilizado como sua própria língua, e isso se vê refletido no currículo jesuítico, que usa o latim não só na recuperação dos elementos da cultura clássica, mas principalmente como veículo de expressão do pensamento e cultura dos europeus contemporâneos. Em suma, o papel do ensino de latim neste modelo era central e se fazia não só pelo resgate e manutenção de elementos clássicos da antiguidade, mas dava à língua latina o lugar de principal veículo de transmissão da realidade coeva e do pensamento cristão e leigo (LEITE, 2014, 58).

Durante dois séculos a educação brasileira esteve nas mãos da Companhia de Jesus. Porém, em 1759, os jesuítas foram expulsos do Brasil, deixando como legado a criação de vinte colégios e doze seminários disseminados de norte a sul<sup>11</sup> (CARDOSO, 2013). Mais à frente, em 1773, o

---

Blasques, João Gonçalves e Gregório Serrão (Ferreira, 1966, 41) – se somaram aos seis primeiros, que chegaram com a comitiva de Tomé de Sousa, e aos padres Afonso Braz, Francisco Pires, Manoel de Paiva e Salvador Rodrigues que haviam vindo em 1550. (Ferreira, 1966, 32; apud CARDOSO, 2013)

<sup>11</sup> Havia colégios em Salvador, Olinda, Rio de Janeiro, Belém, Amazonas, São Luiz do Maranhão, Alcântara, Fortaleza, Piauí, Paraíba, Recife, Ilhéus, Porto Seguro, Vitória, São

Papa Clemente XIV decretou a supressão da Companhia, pois ela começara a ser vista como uma ameaça à soberania de muitos países e até mesmo da própria Igreja. Por sua vez, Marquês de Pombal - diplomata e estadista português durante o reinado de D. José I -, por influência dos ideais iluministas, pretendia substituir a organização eclesiástica do ensino por uma metodologia laica (LEITE, 2014), mas, os jesuítas acabaram sendo expulsos tanto de Portugal, quanto das colônias, *“cri[ando-se] uma situação caótica em que uma educação regular e consolidada foi substituída pela ausência de um sistema educacional”* (LEITE, 2014, 62). Sendo assim,

a reforma de ensino pombalina pode ser avaliada como sendo bastante desastrosa para a Educação brasileira e, também, em certa medida para a Educação em Portugal, pois destruiu uma organização educacional já consolidada e com resultados, ainda que discutíveis e contestáveis, e não implementou uma reforma que garantisse um novo sistema educacional (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006, 475 apud LEITE, 2014).

Após a expulsão dos jesuítas, levaram dezesseis anos para a sistematização das instituições escolares com cursos graduados, mas a laicização do ensino levava um tempo maior para ocorrer, pois não havia professores que estivessem desvinculados de instituições religiosas. Dessa forma, por muito tempo as funções de padres estavam associadas à de professores. Então, o ensino jesuítico que era considerado como *“uniforme, dogmático, abstrato, autoritário, excessivamente literário e retórico”* (CARDOSO, 2013, 23), foi substituído aos poucos por cursos ministrados em conventos e subvencionados pela Coroa portuguesa. Esses cursos chamados por *aulas régias* nada tinha de condizente com o

---

Vicente, São Paulo, Santos, Paranaguá, Desterro (Florianópolis), Colônia do Sacramento, Cachoeira (Bahia), Mariana, Aquirás (Ceará), Giquitaia (Bahia), Itapicuru (Maranhão) e Igaraçu (Pernambuco) (CARDOSO, 2013)

espírito enciclopedista e iluminista da época, tendo, ao invés de disciplinas modernas e científicas, cursos de gramática latina, grego, hebraico, filosofia (racional e moral), teologia, retórica, poética. Somente por volta do século XIX que criaram cursos de aritmética, geometria, trigonometria, desenho, francês, ciências físicas e naturais (CARDOSO, 2013). Desde a chegada dos jesuítas no Brasil, principalmente com José de Anchieta, os clássicos haviam sido utilizados como forma literária<sup>12</sup>.

A educação não tinha uma sistematicidade e muito se discutia sobre a implementação de um currículo humanista ou tecnicista, até que, em 1798, foi criado o Seminário de Olinda, cujo intuito era atender às necessidades do ensino “do momento, enfatizando o moderno, as ciências, as línguas estrangeiras, mas sem deixar de lado o ensino clássico e as disciplinas humanísticas” (CARDOSO, 2013, 12). Criada por D. Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco, começou a funcionar em 1800 e serviu de inspiração, após alguns anos, para a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e para os moldes de inúmeros estabelecimentos de ensino do país que ficou conhecido como ensino secundário (CARDOSO, 2013).

Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808 - início do século XIX, algumas demandas profissionais chegaram junto, fazendo com que houvesse um investimento em determinados cursos<sup>13</sup>. Com exceção das línguas francesa e inglesa, as línguas clássicas e suas literaturas ficaram

---

<sup>12</sup> seja com Anchieta escrevendo diversas obras utilizando o latim; seja com o movimento arcádico português que influenciou no arcadismo brasileiro, com poesias voltadas para o mundo antigo, especialmente com influências do bucolismo e do lirismo; seja pela influência do teatro, no século XVIII, que desempenhou um papel importante na divulgação e popularização dos clássicos no Brasil, utilizando-se das lendas míticas e fatos históricos da Antiguidade (CARDOSO, 2013).

<sup>13</sup> Os currículos dos novos cursos - como Medicina, Engenharia, Geógrafos, Topógrafos, entre outras áreas voltadas para a defesa militar - valorizavam áreas do saber como matemática e física e negligenciavam os estudos das humanidades.

fora dos currículos dos cursos que objetivavam formar homens em posição de destaque no reino. Sendo assim, “os únicos cursos de humanidades que o governo instituiu foram aulas de línguas vivas, que se consideravam úteis por suas possibilidades de uso imediato no contato com aliados estrangeiros” (LEITE, 2014, 12). A partir daí, o ensino secundário passou por diversas leis e diretrizes de bases para suas reformulações, mantendo sempre em pauta a manutenção ou não do conhecimento humanístico - que até 1961 estava destinado aos seminários (CARDOSO, 2013).

O ensino, a partir da Proclamação da República - 1889 -, passou a ser influenciado pelos ideais igualitários - trazidos da França e dos Estados Unidos - em que a oferta do ensino público e gratuito seria dever do Estado. Houve, então, uma intensificação na demanda por escolas e professores e, com isso, um posicionamento de alguns intelectuais que visavam uma remodelação do currículo da escola básica pleiteando uma adaptação às novas demandas da sociedade, ou seja, uma escola que seria uma ponte para o mercado de trabalho; enquanto outros intelectuais defendiam a manutenção do currículo humanista para uma formação geral do aluno. Os estudos clássicos eram vistos como ornamentos, sem uma necessidade pragmática para se manter no currículo e, para acentuar o seu declínio, estavam intimamente ligados à igreja Católica, o que ia contra o processo de laicização da educação oferecida pelo Estado.

Com o surgimento das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, nos anos 1930, houve uma proliferação dos cursos de Letras Clássicas. Agora os bacharéis - que antes eram formados pelo Colégio Pedro II - tinham um conhecimento aprofundado em Língua e Literatura Latina, Língua e Literatura Grega, Filologia e Glotologia (CARDOSO, 2013). Em 1942, a reforma Capanema fez com que os estudos clássicos fossem

valorizados em toda a educação secundária, segundo Souza (2009, 81 *apud* LEITE, 2014) eles eram “o último reduto da língua latina na educação secundária e da valorização da cultura geral como eixo central da formação da juventude”, pois, em 1961, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/61) os estudos clássicos e outras disciplinas tornam-se optativas (cf. FAVERO et al., 2004 *apud* LEITE, 2014) e, a partir daí, os estudos clássicos passaram a desaparecer gradativamente da educação secundária.

Em 1954, foi criada a primeira Associação de Estudos Clássicos do Brasil por iniciativa do Prof. Dr. Robert Henri Aubetron<sup>14</sup>, “em meados dos anos 60, e dado o período de instabilidade política do país, com os problemas que afetaram a vida das universidades e agremiações, a Associação de Estudos Clássicos foi extinta, como tantas outras” (CARDOSO, 2013, 29). Com a supressão dos clássicos dos currículos secundários houve uma queda na formação de professores, pois já não havia tanta demanda. Sendo assim, o currículo superior também foi modificado, levando os clássicos ao quase desaparecimento, tendo sua grade diminuída para algo em torno de dois semestres em algumas faculdades de Letras (SOBRINHO, 2013).

Em 1971, temos um reinício das atividades das Letras Clássicas com a regulamentação dos cursos de pós-graduação na USP e na UFRJ. O Programa em Letras Clássicas incentivou outras unidades a “abrir [e]m espaço para estudos clássicos em seus Programas de Linguística, Teoria Literária, Filosofia, História; outras ainda, com o correr do tempo, instituíram Programas semelhantes aos pioneiros” (CARDOSO, 2013, 14). Por consequência dos crescimentos dos programas das pós-graduações, nos anos 80, foi criado a SBEC - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

---

<sup>14</sup> que por muitas vezes representou o Brasil em assembléias da Federação no exterior.

- impulsionando, até hoje, a existência de pesquisas, congressos, seminários, colóquios e jornadas sobre os estudos na área dos clássicos.

### **Os Clássicos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

Inaugurada em 1968, como Departamento de Letras na antiga Faculdade Nacional de Filosofia e, após 1985, passando ao Campus Universitário da Ilha do Fundão como Faculdade de Letras, onde encontra-se até hoje. Na Faculdade de Letras<sup>15</sup>, existem quatro cursos de graduação referentes às línguas clássicas<sup>16</sup>. Possibilitando ao egresso<sup>17</sup> “profissões geralmente de base técnica e ou artística-literárias utilizando as línguas clássicas para traduções (tradutor), edição (editores), diplomacia (diplomata) entre inúmeras funções que vão além da área de conhecimento onde o profissional atue”. Sob outro enfoque o egresso de licenciatura está apto a se tornar professor do ensino fundamental e médio, além de também abarcar todas as profissões acima já elencadas. O projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Letras (PPB)<sup>18</sup> apresenta como objetivo geral de formação de seus estudantes a formação de

um profissional crítico, questionador e participativo a partir do estímulo à autonomia e à criatividade do aluno na produção de conhecimento. – Formar um profissional consciente da importância de uma atuação não preconceituosa quanto às diferenças linguísticas e sociais, transformador e não como mero repetidor de normas linguísticas tradicionais, inoperantes e superadas.

---

<sup>15</sup> a Faculdade de Letras comporta oito departamentos: Letras Anglo-Germânicas, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Orientais e Eslavas, Letras Vernáculas, Linguística e Filologia, Ciência da Literatura e Letras LIBRAS

<sup>16</sup> o Bacharelado e a Licenciatura em Letras Português-Latim e em Português-Grego

<sup>17</sup> <https://www.portal.letras.ufrj.br/graduacao/cursos-de-graduacao/portugues-latim.html>. Consultado em 30 de dez. de 2022.

<sup>18</sup> Projeto pedagógico de Bacharelado em Letras UFRJ. Disponível em: <https://www.portal.letras.ufrj.br/graduacao/cursos-de-graduacao/portugues-latim.html>. Consultado em 30 de dez. de 2022.

Por sua vez, o projeto pedagógico da Licenciatura (PPL)<sup>19</sup> em Letras da UFRJ tem como objetivo geral a mesma formação do profissional do bacharelado tendo um acréscimo na formação de um

profissional consciente da importância de uma atuação não preconceituosa quanto às diferenças linguísticas e sociais no ensino da língua materna e/ou estrangeira/clássica, atuando como agente transformador e não como mero repetidor de normas linguísticas tradicionais, inoperantes e superadas. – Formar um professor-orientador que tenha um domínio básico sobre língua portuguesa e/ou língua estrangeira/clássica, nas modalidades escrita e oral, para que seja capaz de transmitir criticamente tais conhecimentos instrumentais e, principalmente, ajudar seus futuros alunos a produzir seu próprio conhecimento.

Para esse fim, os fluxogramas da Licenciatura e do Bacharelado das Letras Clássicas na UFRJ comportam disciplinas e atividades acadêmicas que englobam as áreas de linguísticas, literaturas e línguas, sejam elas vernáculas, clássicas e estrangeiras. Segundo o Projeto Pedagógico e Organização Curricular do Curso de Licenciaturas em Letras, deve-se atentar que

a grade curricular conta com diversas disciplinas compartilhadas por licenciandos e bacharelados. Entende-se que o professor de Língua ou de Literatura não deve ser um mero reproduzidor do conhecimento adquirido em sala de aula. Antes, deve ter uma formação que o habilite a compreender e questionar os princípios teóricos e, assim, propor teorias e metodologias; em outras palavras, o seu perfil seria compatível com o de um “professor-pesquisador” que produza conhecimento e não seja um mero divulgador de informações. Devem-se enfatizar os processos de investigação e de aquisição do conhecimento e não a quantidade de informações transmitidas.

Além da graduação em Letras Clássicas, a UFRJ começou suas atividades na Pós-graduação em Letras Clássicas em 1970, ampliando suas atividades e enriquecendo os estudos clássicos no âmbito da língua

---

<sup>19</sup> idem

e literatura clássicas. Sendo assim, os cursos de Mestrado e de Doutorado nessas áreas se inserem na Área de Conhecimento de Culturas da Antiguidade Clássica, dividindo-se em Linhas de Pesquisas sendo eles

Modos e Tons do Discurso Grego', 'O Discurso Latino Clássico e Humanístico' e 'Estudos Interdisciplinares da Antiguidade Clássica', que contemplam as pesquisas, respectivamente, no âmbito da Língua e Literatura Grega, da Língua e Literatura Latina e da cultura Greco-romana da Antiguidade, em suas várias manifestações no passado e presente. Vários Projetos de Pesquisa, sob a responsabilidade de docentes do Programa, estão inseridos em cada uma dessas Linhas, havendo ainda, no interior da Área de Conhecimento, Grupos de Pesquisa direcionados para os mais diversos temas sobre a Antiguidade Clássica, o que forma um variado leque de possibilidades de investigações científicas voltadas para os diversos temas dos estudos clássicos Greco-romanos e de áreas afins.

Para além da Graduação e da Pós-graduação, o departamento de Letras-Clássicas da UFRJ publica diversos periódicos científicos, todos de acesso aberto, hospedados no *Portal de Periódicos da UFRJ*<sup>20</sup>, dentre os diversos periódicos publicados os que são majoritariamente voltados para os Clássicos greco-romano são: *CALÍOPE: Presença Clássica*; *CODEX -- Revista de Estudos Clássicos*; *LaborHistórico*;

### **A língua(gem) como ferramenta sócio-histórico-cultural**

A língua(gem) é uma prática situada histórica e socialmente que configura o caminho das relações dialógicas pertencentes às relações sociais (Ishii, 2017). Por sua vez, a cultura é transmitida pela sociedade e adquirida pelo indivíduo, devendo ser comunicada e adquirida, como um processo de herança social. Esse processo é nomeado de enculturação e, quando determinados tipos de conhecimento cultural

---

<sup>20</sup> <https://revistas.ufrj.br/>

são passados pelo ensino formal por meio de instituições específicas, chamamos de educação<sup>21</sup> (DAWSON, 2020). Dessa forma, Dawson (2020, 29) aponta que

a sobrevivência de uma civilização depende da continuidade de sua tradição educacional. [...] Toda tradição educacional comum cria uma visão de mundo comum, com valores morais e intelectuais comuns e uma herança comum de conhecimento; estas são as condições que tornam as culturas conscientes de sua identidade e lhes dão uma memória comum e um passado comum. (DAWSON, 2020, p. 29)

Assim, no processo de aprendizagem<sup>22</sup> de línguas podemos observar os diversos papéis e valores sociais que podem ser assumidos a depender do contexto como, por exemplo, a capacidade linguística e cultural que se desenvolve (ANJOS, 2006). Já que a língua e a cultura são indissociáveis, ao estudarmos as Línguas Clássicas, seja a Língua Latina, seja a Língua Grega, mantemos, não só a língua viva, mas, também, a civilização do Mundo Antigo, com seus conhecimentos e seus valores morais e intelectuais, rememorando uma identidade social.

A Grécia e a Roma clássica, ainda influenciam o pensamento contemporâneo ocidental<sup>23</sup>. O estudo das Línguas Clássicas é capaz de enriquecer o conhecimento e a compreensão da “linguagem, no suporte ideológico (moral, político, religioso, histórico etc.), na Arte e na

---

<sup>21</sup> Dessa forma, a educação é um processo de enculturação.

<sup>22</sup> Tratando-se de língua, podemos distinguir os termos aprendizagem e aquisição. A aprendizagem de uma língua se dá pelo desenvolvimento formal e consciente da mesma, partindo muitas vezes da explicação das regras gramaticais da língua alvo, originando enunciados na língua materna para conscientemente chegar na segunda língua. Por sua vez, a Aquisição de uma segunda língua se desenvolve informal e espontaneamente, pois ela acontece em situações reais e sem esforços conscientes, formando os enunciados diretamente na língua alvo (LEFFA, 1988).

<sup>23</sup> Seja por meio da Arte, Arquitetura, Literatura, do Drama, ou do pensamento histórico-político-filosófico que fundou de diversas formas o pensamento contemporâneo (D'ABREU, 1993).

Literatura" (D'ABREU, 1993, 231). Refletindo sobre esses aspectos e, principalmente, na ampliação de conhecimento da língua materna e das áreas de Humanidades, diversos países<sup>24</sup> incluem o estudo do Latim nos seus currículos (D'ABREU, 1993), enquanto no Brasil as Línguas Clássicas vêm perdendo forças educacionais ao longo dos anos, por não mostrar sua utilidade tecnicista ou estar vinculado, ainda, a ideais religiosos (FERREIRA, 2017). Constatado que o trabalho com os Clássicos está intrinsecamente ligado às áreas: linguística, estético-criativa e sociopolítica, envolvendo consideravelmente fatores éticos e espirituais (D'ABREU, 1993), é importante salientar que "o estudo das humanidades eleva o espírito, a criatividade e a imaginação"(LAURIOLA, 2012, 6 *apud* FERREIRA, 2017).

Isto posto, podemos defender não só o ensino de línguas estrangeiras como, também, o ensino de línguas clássicas, reafirmando a sua importância linguística, histórica e cultural no meio educacional.

Entendendo que o ser humano se constitui a partir de ferramentas sociais que são historicamente construídas, segundo Vygotsky (1998), a linguagem é uma ferramenta-e-resultado da atividade humana que deve ser entendida como uma condição social da própria sociedade e, por isso, deve ser analisada como um veículo para se aprender sobre o mundo (HOLZMAN, 2002). Para Foucault<sup>25</sup>, a língua "é um instrumento de liberdade do homem". Vygotsky e Bakhtin (*apud* Daniels, 2002) nos mostram que a língua é o principal formador da consciência individual, essa consciência é formada socialmente ao mesmo tempo que altera a sociedade, em outras palavras, podemos analisar a língua como um

---

<sup>24</sup> Bélgica, Alemanha, Inglaterra, França etc.

<sup>25</sup> *apud* EMERSON, 2002, 161

construto social que possui signos construídos pelo consenso entre os indivíduos que são históricos, sociais e culturalmente localizados. Dessa forma, esses signos são uma entidade social que cria significados ideológicos, esses, por sua vez, acabam gerando uma consciência coletiva que se torna um ambiente de aprendizagem para a *psique* ou a individualidade do sujeito.

Compreende-se, então, a língua como uma ferramenta sócio-histórico-cultural que nos possibilita aprender sobre o mundo. De acordo com Martins e Oliveira (2017, 131), “as línguas clássicas são línguas de cultura” nos possibilitando o contato com a literatura, a filosofia e as ciências da antiguidade européia. Dezotti (*apud* Miotti, 2006, 35) afirma que o latim é uma língua viva do passado<sup>26</sup>. Sendo assim, temos que a “língua é viva enquanto for espelho das relações que um povo tem com o mundo. A língua é lugar de memória de um povo” (Miotti, 2006, 98) e, por serem línguas como qualquer outra, devem ser tratadas como “um sistema lingüístico, utilizado por um povo que viveu num certo momento da história, e que dele se serviu para exteriorizar seu psiquismo e que, por isso, vale a pena ser estudado” (PRADO, 1992, 72 *apud* MIOTTI, 2006, 37). Assim, entendemos as línguas clássicas como: língua e passado.

### Referências

ANJOS, C. R. dos. **Ensino e aprendizagem do FLE através de canções:** reflexões sobre representações culturais e relatório de experiência. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 2006. p. 13-44.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **O PERCURSO DOS ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL.** dezembro de 2013.

---

<sup>26</sup> Essa afirmação é feita para contrapor a ideia enraizada em nossas mentes de que o latim e o grego são línguas mortas por não terem falantes

DANIELS, Harry. In.: **Uma introdução a Vygotsky**. Edição Loyola, São Paulo, Brasil. 2002. DAWSON, Christopher. AS ORIGENS DA TRADIÇÃO OCIDENTAL DE EDUCAÇÃO. In: **A crise da educação ocidental**. São Paulo. Ed. É Realizações, 2020.

D'ABREU, Maria Manuel Pimentel. Os Clássicos na sala de aula. In: **As línguas clássicas investigação e ensino**. Instituto de Estudos Clássicos. Coimbra, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. Breve histórico da Gramática. In: **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. Parábola Editorial. São Paulo, 2008.

FARIA, Ernesto. Introdução: Esboço de uma história da língua latina. In: **Fonética histórica do latim**. Academia. Rio de Janeiro, 1955.

FERREIRA, Fátima. **Ensinar e aprender latim no séc. XXI**. In: Boletim de estudos clássicos Nº 62. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. Editora Contexto. 6ª ed. São Paulo, 2019.

GAILLARD, Jacques. **Introdução à literatura latina** - das origens a Apuleio. Editorial Inquérito. Lisboa, 1992.

HOLZMAN. L. H. **Pragmatismo e Materialismo Dialético no desenvolvimento da linguagem**. In DANIELS. H. Uma introdução a Vygotsky. Edições Loyola, 2002.

ISHII, Raquel Alves. **Interculturalidade e ensino de línguas**. Muiraquitã, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 5, n. 1, 2017.

LEITE, Leni Ribeiro e CASTRO, Marihá Barbosa. **O ENSINO DE LÍNGUA LATINA NO BRASIL: PERCURSO E PERSPECTIVAS**. Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), 2014.

MARANHÃO, Samantha de Moura. **Reflexões sobre o ensino de língua latina em cursos superiores de Letras Modernas.** Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v.11, n.1, jan./jun., 2009.

MARTINS, Isaltina; OLIVEIRA, Célia Mafalda. "Introdução à Cultura e Línguas Clássicas" – propostas didáticas. In: **O ensino das Línguas Clássicas: reflexões e experiências didáticas.** Universidade de Coimbra. Humanitas Supplementum, 26/11/2017.

MIOTTI, Charlene Martins. **O ensino do Latim nas Universidades públicas do Estado de São Paulo e o método inglês Reading latin:** um estudo de caso. Instituto de Estudo da Linguagem, UNICAMP. Campinas, SP, 2006.

SOBRINHO, José Amarante Santos. **O latim no Brasil na primeira metade do século XX:** entre leis, discursos e disputas, uma disciplina em permanência. PhaoS, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.